



Eixo: Pobreza e desigualdades no capitalismo contemporâneo

Título: Haiti, um país empobrecido e não pobre

Resumo

O presente estudo visa fazer uma desconstrução ideológica ao respeito da pobreza no Haiti, tentando mostrar que se trata de um país empobrecido e não pobre. Pois, a pobreza não é uma causa natural, mas sim, algo artificial. Por isso, o nosso trabalho aponta três fatores que explicam o motivo que deu início ao processo de empobrecimento do Haiti e o porquê se estende até agora. Esses três fatores caracterizam-se, pelo passado histórico, a localização geográfica e os recursos naturais que o país possui. Sendo que, esses três eixos são todos interligados.

Palavras-chaves: Haiti; pobreza; recursos naturais.

Abstract

This study aims to deconstruct the ideology of poverty in Haiti, trying to show that it is an impoverished country and not a poor one. Poverty is not a natural cause, but something artificial. For this reason, this work points to three factors that explain why Haiti's impoverishment process began and why it continues until now. These three factors are characterized by the country's historical past, its geographical location and its natural resources. These three axes are all interconnected.

Keywords: Haiti; poverty; natural resources

1. Introdução

O presente estudo visa fazer uma desconstrução ideológica ao respeito da pobreza no Haiti, tentando mostrar que se trata de um país empobrecido e não pobre. Pois, a pobreza não é uma causa natural, mas sim, algo artificial.

Discutir da pobreza, remonta-se a um assunto secular, porém, sem uma definição exata, visto que, há diferentes formas de definição e abordagens, como é tratado na seção seguinte. Entretanto, de forma histórica, a pobreza passa a ser objetos de estudos no início do século XIX, período da Primeira Revolução Industrial, no qual, os pesquisadores anotaram um fenômeno de crescimento de nível de pobreza nas sociedades dos países em processos industriais. A partir de então, a pobreza se torna um assunto relevante e muito estudado no mundo acadêmico. Entre as formas de definir a pobreza, se encontram uma visão unidimensional e multidimensional. A primeira analisa a pobreza com aspecto

estritamente monetário, sendo que, é considerada uma pessoa pobre, alguém com incapacidade financeira de suprir suas necessidades básicas de sobrevivência física (Townsend, 1993). Enquanto, a segunda enxerga a pobreza, como uma privação de capacidades, que enfatizam não somente a limitação de recursos financeiros, mas também aspectos sociais (Sen, 2010).

De acordo com o relatório do Índice da Pobreza Multidimensional do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2023), cerca de 1,3 bilhão de pessoas no mundo vivem em situação de pobreza multidimensional, enfrentando privações em dimensões importantes para o desenvolvimento humano que incluem a saúde, a educação e os padrões materiais de qualidade de vida. Sendo que, quase metade desse número, torno de 566 milhões, são crianças abaixo de 18 anos de idades (PNUD, 2023). No caso do Haiti, esse número eleva a 4,5 milhões de pessoas em situação de pobreza multidimensional, o que representa cerca de 37,5% da população, considerando a estimativa populacional, de 12 milhões de habitantes (Institut Haïtien de Statistique et d'informatique – IHSI, 2021).

No entanto, considerando o aspecto histórico da humanidade, é possível enxergar a pobreza como um processo histórico de exploração, expropriação, discriminação, destituição de direitos e concentração de renda, riqueza e poder cada vez mais aguda, teleguiada pelo sistema capitalista. A partir desta perspectiva, o nosso papel é comprovar, que o Haiti é um país empobrecido e não um país pobre. Embora a pobreza seja algo estrutural do capitalismo, criando uma desigualdade cada vez mais intensa entre os países, porém, é possível mostrar que o empobrecimento do Haiti se diferencia dos países empobrecidos da periferia capitalista.

Com base nisto, o nosso trabalho aponta três fatores que explicam o motivo que deu início ao processo de empobrecimento do Haiti e o porquê se estende até agora. Esses três fatores caracterizam-se, pelo passado histórico, a localização geográfica e os recursos naturais que o país possui. Sendo que, esses três eixos são todos interligados. Por meio disso, se manifesta um grau diferenciado entre o empobrecimento do Haiti com outros países empobrecidos.

2. Conceitos Teóricos

2.1 Conceito histórico e científico da pobreza

O tema da pobreza, apesar de ser uma discussão secular, ainda representa um

assunto complexo e sem uma definição pronta e específica. Portanto, ao tentar aproximar a uma definição, nas referências bibliográficas, nos reparamos com três abordagens muito utilizadas, que são: necessidades básicas, capacitações e direitos humanos. Sendo assim, a nossa discussão nessa seção será baseada acima dessas três abordagens.

De forma histórica, a pobreza passa a ser objeto de estudos, no início do século XIX, cujos pesquisadores observaram um fenômeno de empobrecimento nas sociedades, onde a Revolução Industrial era mais acentuada (Mendoza Enríquez, 2011). Nesse tempo, a pobreza era enxergada como um conceito de subsistência vinculado ao aspecto monetário e nutricional no qual, um indivíduo era pobre, devido da sua incapacidade monetária de suprir as suas necessidades básicas da sua sobrevivência física.

Sendo assim, a pobreza até início da década de 1970, era entendida de forma unidimensional, vinculado com a insuficiência de renda das famílias (Townsend, 1993).

No entanto, essa forma unidimensional de enxergar a pobreza, passou por uma transformação gradual a partir do final da década de 1970, onde foram acrescentadas as questões sociais, privações de capacidades e direitos humanos, que faz com a pobreza passa a ter uma interpretação multidimensional. (Lima 2005; Marcelino, Cunha; 2023).

Em sequência, tanto a abordagem de capacitação e quanto de direitos humanos, são consideradas novas formas que surgiram recentemente, por volta da década de 1990, com a forte contribuição de Amartya Sen na elaboração de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). De acordo com Sen (2010, p. 120), “a pobreza deve ser vista como privação de capacidades básicas em vez de tão somente como baixo nível de renda, que é o critério tradicional de identificação de pobreza”. Em outras palavras, a pobreza vai além da questão monetária mencionada pelo Banco Mundial¹, que estabelece um valor padrão que define o estatuto da pobreza de uma família de um determinado país. Sendo assim, para o autor, além da questão de renda, a pobreza tem a ver com a privação de capacidade de realizar ações e desejos para o seu próprio bem-estar, devido da restrição social que priva as famílias das suas liberdades.

¹ O Banco Mundial, estabelece por meio de um método universal, uma linha internacional, definida pelo valor monetário, com intuito de classificar as faixas de pobreza no mundo. Essa linha é dividida entre pobreza e extrema pobreza. São consideradas pessoas pobres, aqueles que vivem com US\$ 5,50 per capita por dia. E em extrema pobreza, a categoria que vive com uma renda menor ou igual a US\$1,90 per capita por dia. Disponível em: <https://blogs.worldbank.org/en/latinamerica/enriquecendo-o-conjunto-de-linhas-internacionais-de-pobreza>. Consulta em: 02 mai. 2024.

Desse fato, a contribuição de Amartya Sen leva o debate da pobreza para o campo social, enfatizando que a capacidade básica de um indivíduo de ter uma vida digna não se limita somente no campo da renda, mas sim de outros fatores individuais e sociais. Por meio disso, a pobreza, de acordo com o Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas (2012), é considerada como um fenômeno multidimensional que abrange tanto a capacidade limitada de renda e quanto outros aspectos sociais, como educação e saúde.

No entanto, outra forma de enxergar a pobreza é por meio de um processo histórico de exploração, expropriação, discriminação, destituição de direitos e concentração de renda, riqueza e poder cada vez mais aguda, teleguiada pelo sistema capitalista. Ou melhor dizer, uma pobreza estrutural.

2.1.1 Pobreza Estrutural do Sistema Capitalista

A pobreza pode ser interpretada como um estado social, dado resultante de um processo histórico de exploração e desigualdade socioeconômica de forma contínua entre as diferentes classes sociais e países, desde no nascimento do sistema capitalista até a sua versão atual, o Neoliberal. Santos (2010), entre as três formas² de enxergar a pobreza, uma delas é caracterizada pelo algo estrutural e globalizada, mais presente nos países subdesenvolvidos, onde são instalados os grandes capitais, com o intuito de explorar a mão de obra local e produzir mais e mais pobreza. Em consequência, essa dinâmica de exploração e causação de desigualdade socioeconômica entre as sociedades, se resultam em uma crise constante que podem ocasionar o empobrecimento do país subdesenvolvido. Dito isso,

“as crises são decorrentes da própria dinâmica contraditória do movimento do capital, que se manifestam como crises de superprodução e aparecem através da queda nas taxas ou massa de lucro, queda na taxa de crescimento da produção, redução do consumo, aumento do desemprego, aumento das desigualdades, da miséria e da pobreza” (Nakatani, 2020, p. 25).

Sendo assim, uma vez que os países, considerados subdesenvolvidos, abraçam o modelo da produção capitalista, é possível dizer que esses países caem na armadilha da pobreza estrutural, derivada da agravamento da alta taxa de desemprego, desigualdades socioeconômicas, que, conseqüentemente, resultará, em privação de oportunidades e de liberdades.

Da mesma forma, na visão marxista, a desigualdade entre países é considerada um

² Pobreza incluída, pobreza marginalizada e pobreza estrutural.

componente estrutural e fundamental para a acumulação capitalista na economia mundial. Também da visão cepalina sobre a deterioração de termos de trocas entre economias desenvolvidas e subdesenvolvidas, oriundo da divisão internacional do trabalho. De acordo com Salama e Valier (1997, p. 12).

As desigualdades de renda e, com elas, a extensão da pobreza têm origens profundas que é possível situar ao mesmo tempo nos traços culturais, na história e nos diversos padrões de inserção dessas economias na economia mundial. [...] Por ser profundamente enraizada, a pobreza impõe rupturas, tanto nas formas da solidariedade quanto nos padrões de inserção internacional.

Nesse sentido, a pobreza é apontada como algo inédito para o avanço do sistema capitalista, ao contrário da interpretação de Nurkse (2010), tratando um país pobre é pobre devido da sua incapacidade produtiva.

Assim, de forma numérica, o relatório do Índice da Pobreza Multidimensional de PNUD (2023), mostra que, cerca de 1,3 bilhão de pessoas no mundo vivem em situação de pobreza multidimensional, enfrentando privações em dimensões importantes para o desenvolvimento humano que incluem a saúde, a educação e os padrões materiais de qualidade de vida. Sendo que, quase metade desse número, torno de 566 milhões, são crianças abaixo de 18 anos de idades (PNUD, 2023). No caso do Haiti, esse número eleva a 4.5 milhões de pessoas em situação de pobreza multidimensional, o que representa cerca de 37,5% da população, considerando a estimativa populacional, de 12 milhões de habitantes (IHSI, 2021). No entanto, visto a situação de pobreza artificial que vive o Haiti, a nossa tarefa é mostrar que, o Haiti é um país rico, mas empobrecido e é mantido nessa situação, há mais de um século, devido de interesses hegemônicos, e não pela sua incapacidade financeira de oferecer um bem-estar para seu cidadão.

2.2 Pobreza artificial do Haiti

Levando em consideração o corpo teórico desse trabalho, tratando a pobreza no mundo capitalista como algo estrutural do sistema, isso poderia nos indicar que o empobrecimento não se trata de um fator exclusivamente ao Haiti, mas sim de todos os países que se encontram na periferia capitalista. Porém, ao pensar assim, nós arriscássemos de fazer uma análise simplista que desconsideraria as principais causas do empobrecimento do Haiti que o diferencia de outros países da periferia capitalista. Diante disso, tentamos enfatizar o empobrecimento do Haiti em três grandes eixos, são eles: histórico; posição geográfica estratégica e seus recursos naturais.

2.2.1 Aspecto histórico

De forma semelhante com todos os países da América, o Haiti também sofreu com a colonização. O período colonial no Haiti durou quase quatro séculos e é dividido, num primeiro momento, pela colonização espanhola (1492-1697) e em seguida, pela colonização francesa (1697- 1803) (James, 2010). Sendo que, esse período não se estendeu por mais tempo, graças ao sucesso da Revolução Haitiana que sucedeu a independência do Haiti, no dia de 1º de janeiro de 1804. Sendo a primeira colônia do mundo a abolir a escravidão e primeiro país negro independente no mundo. O Haiti, hoje, considerado como um país pobre, mas de forma histórica, é um país rico, potente, que nasceu com a filosofia antiescravagista, antiexploratória e anticapitalista, fundado acima da liberdade para todos, igualdade perante a lei e respeito mutual.

Contudo, antes da Revolução Haitiana, a liberdade no mundo capitalista pregada pelos iluministas estava atrelada à liberdade econômica e direitos de propriedade, com objetivo de defender a propriedade privada e obtenção de lucros. Porém, a Revolução Haitiana traz consigo a dimensão da emancipação dos sujeitos, tratando a questão da liberdade como direitos de todos, de viver bem sem ser discriminado pela raça/cor/etnia. Além disso, de ter igualdade social e racial perante a lei, de acordo com o disposto na primeira constituição, que foi redigida em 1805, logo após a Proclamação da Independência, em 1º de janeiro de 1804 (Joachim, 1979).

Considerando o contexto econômico de caráter predominantemente colonial da América Latina e Caribe daquele momento – cujo comércio triangular³ e a produção agrícola era uma fonte de renda importante e garantida para sustentar a economia da metrópole – somado à forma sangrenta que o Haiti se livrou da França – por meio de enfrentamentos diretos – os países colonizadores da época consideravam a independência do Haiti como uma grande ameaça tanto para o comércio triangular, quanto para a grande ampliação da liberdade. De fato, as economias metropolitanas ainda não estavam esperando, tão cedo, uma revolução da sociedade escravizada que levaria até a sua independência, tendo em vista que isso causaria grandes perdas econômicas para os colonizadores.

Em que pese o tensionamento das relações com países colonizadores, a

³ Comércio triangular ou comércio transatlântico são sinônimos que definem o comércio dos escravizados na época colonial entre a Europa, África e o Novo Mundo. Para saber mais, consulte Oliva (2003).

experiência do Haiti, bem como a sobrevivência e espírito de solidariedade, fizeram com que revolucionários latino-americanos se aproximassem do jovem país independente. Logo, o Estado haitiano cometeu algo que pode ser considerado como um erro imperdoável nos olhos do Ocidente, ao “tentar transformar a vitória de 1804 em produto de exportação” (Seitenfus, 2014, p. 51). Para entender o impacto da Independência do Haiti fora do território, é necessário considerar a conscientização que o fato histórico provocou entre escravizados em sociedades como Cuba, Venezuela e até mesmo no Brasil⁴, onde o Haiti foi considerado o emblema de luta e de liberdade. Devido a essa ousadia, o Haiti sofreu duas consequências rigorosas, que podem ser considerados, como o processo de empobrecimento desse país. São eles, i) a indenização paga à França pelas perdas e ii) e o bloqueio econômico no cenário internacional, logo depois da sua independência, que pesou muito no balaço comercial desse país.

Em primeiro, segundo Piketty (2019), o valor inicial da indenização era 150 milhões, sendo que, após discussão entre os dois países, foi paga à França 90 milhões de francos, o que equivalente a 300% do PIB haitiano de 2019, ou seja, cerca de US\$ 26,46 bilhões a valores constantes de 2021. Esse pagamento foi destinado aos empresários franceses e aos proprietários dos grupos escravizados, sob pretexto de possíveis perdas que eles teriam sofrido em termos de bens materiais (Joachim, 1979). Visto que a economia haitiana, desde na época colonial, era baseada na agricultura, mais precisamente na agricultura familiar, o Estado pós-independência, sob economia devastada, se encontrava na obrigação de tomar empréstimos nos bancos franceses para pagar para a própria França. A isso Piketty (2019) chamou de dívida dupla.

Essa dívida dupla que levou cerca de cem e vinte e dois anos para ser paga, com início em 1825 e termino em 1947, sem dúvida, é considerada como a principal asfixia da economia haitiana, pois as atividades econômicas realizadas durante esse período, já estavam comprometidas para o pagamento de uma dívida que o país foi obrigado a assumir.

O segundo argumento histórico do processo de empobrecimento do Haiti é o

⁴ De acordo com Nascimento (2008), a independência do Haiti incentivou o grupo escravizado negro no Brasil até o ponto de utilizar o termo “haitianismo” como lema da conscientização. Com isso, o haitianismo se tornou o termo que definiria a influência da Revolução Haitiana sobre a ação política de negros, mulatos escravizados e pessoas que se tornaram livres em todo o continente americano (Reis, 1996 p. 5).

bloqueio econômico e diplomático desse país, *vis-à-vis* ao resto do mundo, em particular, as colônias da América. Diante desse obstáculo, restava ao país realizar comércio apenas com os Estados Unidos, Inglaterra e França. Em outras palavras, apesar do isolamento, o Haiti não deixava de importar e exportar, pelo contrário, os estadunidenses e os ingleses tinham o controle do comércio haitiano durante a Revolução Haitiana mesmo depois da sua independência (Arthus, 2021). No que tange à França, o mesmo autor aponta, que as relações comerciais entre os dois países iniciaram em 1816, com a autorização do Rei Luís XVIII, apesar de recuso do conhecimento da independência da sua ex-colônia.

Com isso, esse bloqueio era considerado como a estratégia de afastar o Haiti, das outras colônias, a fim de proteger os lucros capitalistas oriundos de mercado triangular, mas também uma forma dos colonizadores, inclusive os Estados Unidos, de terem o controle comercial do jovem país, pois isso poderia ser uma forma eficaz de asfixiar a economia haitiana e fazer com que o Haiti pagasse o preço da sua ousadia.

Portanto, pensando no empobrecimento do Haiti de hoje, é irrefutável levar em consideração esses dois aspectos históricos, como um fato crucial que tendeu a estrangular o desenvolvimento econômico e social do Haiti desde na fundação da República.

2.2.2 Localização próximo ao Canal do Panamá

O Haiti, sendo um país pertencente a uma das ilhas do Caribe, com uma superfície geográfica de 27.750 km², se localiza a, aproximadamente, 1.477 km de distância do Canal de Panamá, e está situado a, pelo menos, 1h e 30 minutos de voo com Porto Príncipe. O Canal de Panamá é uma rota comercial marítima que faz a ligação entre os oceanos Pacífico e Atlântico, e tem grande importância para o comércio do continente americano com a Ásia (Navarro, 2015). De acordo com dados de site oficial do canal do Panamá, essa obra é ligada com 1.920 portos no mundo, 170 países, totalizando 14.080 circulações de comércio no ano de 2023 (Canal do Panamá). A construção dessa obra foi iniciada pela França, em 1880, mas concluída e inaugurada em 1914, pelos Estados Unidos, por meio de um acordo assinado entre os Estados Unidos e o governo do Panamá, logo depois da independência desse último (Navarro, 2015).

Segundo Seguy (2014), o Haiti sempre foi o alvo de controle, por países imperialistas, como Alemanha, França, Inglaterra desde no século XIX, antes de cair sob a dominação estadunidense, devido da sua aproximação com o Canal de Panamá. Razão

pelo qual, o controle total da economia do país, sempre é considerado como algo imprescindível, pois facilita às suas empresas um maior acesso ao mercado mundial.

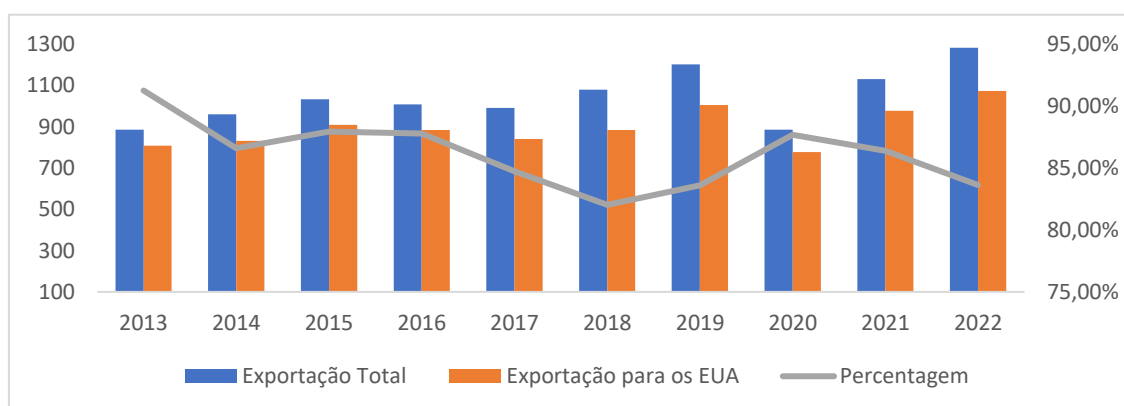
No entanto, o método eficaz utilizado pelos Estados Unidos, para controlar a economia haitiana, é por meio de instabilidade política contínua, que, em consequente, prejudica as atividades econômicas, impactando negativamente os indicadores sociais que logo, resulta em uma espiral de pobreza.

Devido à instabilidade política contínua vivida, o país registra uma inflação anual de 23% de fevereiro de 2023 a fevereiro de 2024, seguida por uma série de taxa de variação negativa do seu Produto Interno Bruto (PIB) pela quinta vez consecutiva de, 1,7%, 3,3%, 1,8%, e 1,7%, 1,9 durante os anos fiscais de 2018-2019, 2019-2020, 2020-2021, 2021-2022 e 2022-2023 respectivamente (Banque de la République d’Haïti - BRH, 2024).

De ponto de vista do comércio, a balança comercial do Haiti segue com resultados negativos durante o período de 1990 até 2022. Esse déficit comercial acumulado é uma variável importante que contribui significativamente para escassez de reservas internacionais no Banco Central do Haiti. Logo, tal situação de escassez de divisas causou uma desvalorização cambial gritante de 230%, ao sair de 40 unidades de *gourdes* por um dólar em 2011 para 132 *gourdes* por dólar em abril de 2024 (BRH, 2024).

A principal razão para o déficit em transações correntes é atribuída pelo déficit comercial, causado por elevadas importações, sendo a maioria produtos primários, oriundos dos Estados Unidos, conforme o gráfico 1.

Gráfico 1 – Exportações de bens e serviços (milhões de US\$ de 2021 e %)



Fonte: Elaboração do autor, via dados de BRH, 2024.

Conforme o gráfico 1, observa-se de 2013⁵ a 2022, as exportações de bens e serviços para os Estados Unidos, representam, em média, 87% do total de toda exportação do Haiti. Ainda, conforme BRH (2024), o setor da indústria têxtil, onde localiza as empresas estadunidenses, representa cerca de 90%, do total das exportações e 97% do total de produtos exportados para os Estados Unidos. Sendo que, a maior parte os materiais de insumos da produção provêm das importações via Estados Unidos. Em outras palavras, as empresas estadunidenses lucram tanto nas importações para o Haiti e quanto nas exportações.

No entanto, por ser capturada por séculos, não se torna somente a província da produção estadunidense de baixo salário, mas também, uma ótima localização para produzir e depois vender para o resto do mundo. Nesse sentido, a proximidade com o Canal do Panamá pode justificar a produção relativamente volumosa de produtos americanos no Haiti. Cabe lembrar que o controle da economia haitiana pelos estadunidenses, data-se desde nos anos de 1820, época do isolamento do Haiti no cenário internacional, sendo perdurado até hoje. De acordo com Arthus (2021), o Haiti, na década de 1820, era o sexto maior importador de produtos americanos, ultrapassado somente pela Inglaterra, França, Cuba, China e Alemanha.

Portanto, ao vincular o conceito da pobreza discutido, anteriormente, no caso do Haiti, a pobreza está associada à instabilidades fabricadas pelos imperialistas, em particular, pelos Estados Unidos, que priva o país da sua liberdade de aproveitar da sua posição comercial estratégica, perto do Canal do Panamá, para produzir para si e comercializar com o resto do mundo. Razão pelo qual, o empobrecimento do país é algo crucial para que os Estados Unidos o mantenham sob seu controle.

2.3 Recursos naturais

Em termos de recursos naturais dispõe no Haiti, o *Bureau de Mines e d'Énergie* (BME, 2024) aponta que os recursos são divididos em quatro categorias, a saber, metálicos, não-metálicos, energia fóssil e térmicos. Sendo que é possível encontrar pelo menos uma ou duas categorias de recursos naturais, em qualquer região do território do país, conforme a figura 1.

⁵ Devido da limitação de número de página, escolhemos fazer uma análise, considerando uma década, 2013 a 2022. No entanto, não escolhemos o ano de 2023, porque os dados são considerados temporários e sujeitos a alteração.

Figura 1 - Carta de potencial de minas e de energia no Haiti



Fonte: Escritório de Minas e de Energia no Haiti (BME, 2024).

Vale ressaltar que as informações da figura 1, referem-se ao período atual, haja vista a dificuldade de se conseguir dados mais antigos das reservas e minas do Haiti, bem como da dinâmica de exploração. Com isso, entre as companhias licenciadas para extrair minerais no Haiti no período atual, se encontram as seguintes empresas estadunidenses e canadenses, conforme a tabela 1.

Tabela 1- Companhias de minas estrangeiras e suas franquias atuando no Haiti no século XXI

Companhias	País de incorporação	Franquia atuada no Haiti	Tipo de Licença	Ano de concessão de Licença	Região e Cidade de atuação no Haiti	Superfície (KM ²)
Eurasian Minerais Inc.	Canadá (Vancouver)	Ayiti Gold Company S.A	1 licença de exploração	2012	Grand Bois	50
Newmont Mining Inc.	Estados Unidos (Colorado)	NVL Haiti Limited	19 licenças de prospecção 27 licenças de exploração	2006; 2008	La Mine (Artibonite); La Miel (Centre) Treuil (Artibonite) Memé	2818
VCS Mining Inc	Estados Unidos (Delaware)	Delta Société Minière S.A	1 licença de exploração	2012	Morne Bossa (Cap-Haïtien)	25
SONO GLOBAL (Franquia)	Estados Unidos (Nevada)	X	3 licenças de prospecção	2012	Terrier-Rouge (Centre) Ouanaminthe Mont-Organisé (Ouanaminthe)	200

Ressources Majescor Inc.	Canadá (Montréal)	Société Minière du Nord-Est (SOMINE)	2 licenças de exploração	2012	Propriedade SOMINE (Douvray, Blondin e Faille B)	45
-----------------------------	----------------------	---	--------------------------------	------	--	----

Fonte: Ducos (2016). Elaboração própria.

Observando a tabela 1, percebemos que são somente quatro companhias com licenças para extrair minas do Haiti, sendo duas de empresas estadunidenses e duas canadenses que atuam no Haiti por meio de suas filiais. Entre as companhias canadenses encontramos a *Eurasian Minerals Inc.*, e *Ressources Majescor Inc.*, que juntas contabilizam três licenças de exploração adquiridas em 2012 para atuar numa superfície de 95km². Em seguida, as outras duas companhias presentes na tabela são de origem dos Estados Unidos, tais como, *Newmont Mining Inc* e *VCS Mining Inc*, juntas, acumulam em total de 50 licenças de prospecção e exploração de minas num território de 3.043 km². Sendo assim, duas companhias estadunidenses, por si só, são responsáveis pela extração de reservas de minas de 11% do total do território Haitiano, levando em contas, as reservas de minas no país possuem uma rentabilidade de US\$ 20 bilhões⁶ por ano (Ducos, 2016).

Pelo exposto, de acordo com o processo histórico - marcado pelo pioneirismo da revolução haitiana e o domínio imperialista exercido no país-, a localização geográfica - próximo ao Canal do Panamá e sua relevância econômica e geopolítica -, e os recursos naturais abundantes, é possível afirmar que o Haiti é um país empobrecido, com presença de pessoas pobres, mas não é um país pobre.

3. Conclusão

A hipótese da pesquisa é demonstrar que o Haiti não é um país pobre, como é tratado, frequentemente, na mídia e pelas organizações internacionais, como Banco Mundial, Organizações das Nações Unidas, Fundo Monetário Internacional, entre outros. Mas se trata de um país que sofreu e ainda sofre por um processo de empobrecimento, iniciado desde na sua fundação, como país independente, marcado, pelo pagamento de uma dívida paga à França, bloqueio econômico e controle das suas atividades

⁶ Conforme Ducos(2016), a renda per capita, exclusivamente desse setor, poderia equivaler a US\$1.667 (US\$ de 2016), levando em conta a estimativa populacional de 12 milhões de habitantes. Porém, ao fazer a conversão para dólar constantes de 2021, corrigindo pela inflação, esse valor chegaria em torno de US\$ 22,43 bilhões e US\$1.869 per capita.

econômicas por países imperialistas, desde no século XIX até hoje e, por fim, a exploração dos seus recursos naturais, por esses mesmos países.

É bom destacar que os três grandes eixos do empobrecimento do Haiti, são todos interligados. Em outras palavras, o plano de isolar o Haiti no cenário internacional foi bem pensado e executado pelos colonizadores na época, sabendo que isso afetaria sua economia e, posteriormente, essa crise econômica levaria ao acirramento da instabilidade econômica e política no país, tendo em vista que parcelas da população, insatisfeitas com os rumos, se revoltaria contra o Estado buscando melhores condições de vida.

Consequentemente, a asfixia das atividades econômicas, oriunda dessas instabilidades, limitam as ações sociais, o direito do povo haitiano de viver em paz, em segurança alimentar, com educação de qualidade e um desenvolvimento socioeconômico sustentável. Nesse sentido, o presente artigo defendeu a tese de que a pobreza no Haiti pode ser considerada como pobreza artificial. Pelo fato da dominação imperialista seja pela França, seja pelos Estados Unidos, ou até o Canadá, que atuam dominando regiões relevantes, extraindo riquezas naturais e contribuindo para a instabilidade política e econômica do país, se torna algo fundamental para o empobrecimento do país. Pois, a possível estabilidade econômica e política do Haiti tenderia a reduzir a sua dependência comercial e política, em relação a esses países exploradores. Logo, esses últimos deixariam de ser relevantes no Haiti e, conseqüentemente, perderiam o privilégio de explorar os recursos naturais do Haiti e usufruir do mar haitiano, sobretudo pela sua localização próxima ao canal do Panamá. Contudo, esses aspectos são considerados como fragilizadores e imobilizadores a economia haitiana fazendo com que fique preso na espiral da pobreza artificial.

4. Referências Bibliográficas

ARTHUS, Wien Weibert. **Haiti et le monde** : deux siècles de relations internationales. Bibliothèque Nationale d'Haiti, 2021.

Banque de la République d'Haïti - BRH. **Variation de l'indice des prix à la consommation par groupe de dépenses Février 2024**. Disponível em : <https://www.brh.ht/variation-de-lindice-des-prix-a-la-consommation-par-groupe-de-depenses-fevrier-2024/>. Consultado em: 24 abr. 2024.

Bureau des Mines et de l'Energie. **Potentiel miner et énergétique d'Haïti**. Disponível em : <https://www.bme.gouv.ht/index.php?p=potentielminier>. Acesso em: 02 mai. 2024.

CANAL DO PANAMÁ. Una maravilla que conecta al mundo. Disponível em:

<https://pancanal.com/>. Acesso em: 06 mai. 2024.

DUCOS, Gerardo. **L'industrie Minière en Haïti : enjeux et réalités**. Concentration Pour Haiti : Quebec, 2016. Disponível em : https://ceim.uqam.ca/db/IMG/pdf/cph.1_industrie_minie_re_en_hai_ti_enjeux_et_re_alite_s_final_de_c_2015.pdf. Acesso em: 30 abr. 2024.

Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique – IHSI. Estimations de la population. Disponível em : <https://ihsi.gouv.ht/indicator-population>. Acesso em: 24 abr. 2024.

JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os jacobinos negros**. São Paulo: Boitempo, 2010.

JOACHIM, Benoît. **Les racines du sous-développement en Haïti**. Imprimerie Deschamps, 1979.

LIMA, Ana Luiza Machado de Codes. **Modelagem de Equações Estruturais: uma Contribuição Metodológica para o Estudo da Pobreza**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Salvador-Bahia: 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11012>. Acesso em: 02 mai. 2024.

MARCELINO, Gésia Coutinho; CUNHA, Marina Silva da. Pobreza multidimensional no Brasil: evidências para as áreas rurais e urbanas. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 62, p. e266430, 2023.

MENDOZA ENRÍQUEZ, Hipólito. El concepto de pobreza y su evolución em la política social del gobierno mexicano. *Estudios Sociales*, vol. 19, núm. 37, enerojunio, 2011, pp. 222-251. **Centro de Investigación em Alimentación y Desarrollo, A.C. Hermosillo**, México. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-45572011000100009. Acesso em: 22 abr. 2024.

NAKATANI, Paulo. O capitalismo em crise: reforma ou revolução. In: GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; BERNARDES, Franciani (org). **Contrarreformas ou revolução: respostas ao capitalismo em crise**. São Paulo: Cortez, 2020, p. 21-51.

NASCIMENTO, Washington Santos. “São Domingos, o grande São Domingos”: repercussões e representações da Revolução Haitiana no Brasil escravista (1791-1840). **Dimensões**, n. 21, 2008.

NAVARRO, Deus. O Canal do Panamá: política e estratégia. **Universitas: Relações Internacionais**, v. 13, n. 2, 2015.

NURKSE, Ragnar. Alguns aspectos internacionais do desenvolvimento econômico. In: AGARWALA, A. Narain; SINGH, Sampat Pal. **A Economia Do Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado, pp. 277-292, 2010.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-asiáticos**, v. 25, n. 3, 2003. p. 421-461

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. Os princípios orientadores relativos a extrema pobreza e direitos humanos. **Conselho de Direitos Humanos**, 2012. Disponível em:

Anais do 10º Encontro Internacional de Política social e 17º Encontro Nacional de Política Social

<https://www.ohchr.org/sites/default/files/Documents/Issues/EPoverty/GuidingPrinciplesInPortuguese.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2024.

PIKETTY, Thomas. **Capital et Idéologie**. Paris: Édition du seuil, 2019.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Índice de Pobreza Multidimensional Global De 2023 (MPI)**. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/desenvolvimento-humano/publications/indice-de-pobreza-multidimensional-global-de-2023-mpi>. Acesso em: 28 abr. 2024.

REIS, João José. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. **Revista USP**, n. 28, p. 14-39, 1996.

SALAMA, Pierre e VALIER, Jacques. **Pobrezas e Desigualdades no Terceiro Mundo**. Trad. Catherine M. Mathieu. São Paulo, -Nobel, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização: do pensamento único a consciência universal**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia, Ciências e Letras. Campinas/SP: 2014.

SEITENFUS, Ricardo. **Haiti: dilemas e fracassos internacionais**. Unijuí, 2014.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TOWNSEND, Peter. **The international analysis of national analysis of poverty poverty**. Londres: Prentice-Hall, 1993